

De 'a Peste' a 'o Estrangeiro,' ou as Artes em 2020:

Atas do XI Congresso
Internacional CSO, Criadores
Sobre outras Obras



De 'a Peste' a 'o Estrangeiro,' ou as Artes em 2020:

Atas do XI Congresso
Internacional CSO, Criadores
Sobre outras Obras

Sociedade Nacional de Belas Artes

Lisboa, 3 a 8 de abril
de 2020

Comissão Científica:

Adérito Fernandes Marcos (Portugal, Universidade Aberta, Departamento de Ciências e Tecnologia);
Almerinda Lopes (Brasil, Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Artes, Vitória);
Almudena Fernández Fariña (Espanha, Facultad de Bellas Artes de Pontevedra, Universidad de Vigo);
Álvaro Barbosa (China, Macau, Universidade de São José, Faculdade de Indústrias Criativas);
Angela Grandó (Brasil, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória);
António Costa Valente, (Portugal, Universidade do Algarve, Departamento de Artes e Humanidades da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais);
António Delgado, (Portugal, Instituto Politécnico de Leiria, Escola Superior de Artes e Design, Caldas da Rainha);
Aparecido Jose Cirilo, (Brasil, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória);
Armando Jorge Caseirão (Portugal, Faculdade de Arquitetura, Universidade de Lisboa);
Artur Ramos (Portugal, Faculdade de Belas-Artes, Universidade de Lisboa);
Carlos Tejo (Espanha, Facultad de Bellas Artes de Pontevedra, Universidad de Vigo);
Cleomar Rocha (Brasil, Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Belas-Artes);
Eduardo Vieira da Cunha (Brasil, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto das Artes);
Fátima Chinita (Portugal, Instituto Politécnico de Lisboa, Escola Superior de Teatro e Cinema);
Francisco Paiva (Portugal, Universidade Beira Interior, Faculdade de Artes e Letras);
Heitor Alvelos (Portugal, Faculdade de Belas Artes, Universidade do Porto);
Ilídio Salteiro (Portugal, Faculdade de Belas-Artes, Universidade de Lisboa);
Inês Andrade Marques (Portugal, Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias);
J. Paulo Serra (Portugal, Universidade Beira Interior, Faculdade de Artes e Letras);
Joaquín Escuder (Espanha, Universidad de Zaragoza);
João Castro Silva (Portugal, Faculdade de Belas-Artes, Universidade de Lisboa);
João Paulo Queiroz (Portugal, Faculdade de Belas-Artes, Universidade de Lisboa);
Josep Montoya Hortelano (Espanha, Facultad de Belles Arts, Universitat Barcelona);
Josu Rekalde Izaguirre (Espanha, Facultad de Bellas Artes, Universidad del País Vasco);
Juan Carlos Meana (Espanha, Facultad de Bellas Artes de Pontevedra, Universidad de Vigo).
Luísa Santos (Portugal, Faculdade de Ciências Humanas, Universidade Católica Portuguesa);

Luís Herberto (Portugal, Universidade da Beira Interior);
Luís Jorge Gonçalves (Portugal, Faculdade de Belas-Artes, Universidade de Lisboa);
Marcos Rizolli (Brasil, Universidade Mackenzie, São Paulo)
Margarida P. Prieto (Portugal, Universidade de Lisboa, Centro de Investigação e de Estudos em Belas-Artes);
Maria do Carmo de Freitas Veneroso (Brasil, Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais).
Marilice Corona (Brasil, Universidade Federal do Rio Grande do Sul);
Maristela Salvatori (Brasil, Universidade Federal do Rio Grande do Sul);
Mònica Febrer Martín (Espanha, Doctora, Facultad de Belles Arts, Universitat Barcelona);
Neide Marcandes (Brasil, Universidade Estadual Paulista);
Nuno Sacramento, (Reino Unido, Peacock Visual Arts, Aberdeen);
Orlando Franco Maneschy (Brasil, Universidade Federal do Pará, Instituto de Ciências da Arte);
Paula Almozara, (Brasil, São Paulo, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Faculdade de Artes Visuais);
Paulo Bernardino Bastos, (Portugal, Universidade de Aveiro, Departamento de Comunicação e Artes);
Paulo Gomes (Brasil, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto das Artes);
Pedro Ortuño Mengual, (Espanha, Universidad de Murcia, Facultad de Bellas Artes);
Renata Felinto, (Brasil, Ceará, Universidade Regional do Cariri, Departamento de Artes Visuais);
Rosana Horio Monteiro, (Brasil, Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Artes Visuais);
Susana Sardo, (Portugal, Universidade de Aveiro, Departamento de Comunicação e Artes, INET-MED);
Vera Lucia Didonet Thomaz, (Brasil, Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas, ANPAP).

Coordenação do Congresso:

João Paulo Queiroz (Portugal, Faculdade de Belas-Artes, Universidade de Lisboa);

XI Congresso Internacional CSO'2020,
Criadores Sobre outras Obras: Livro de Atas
João Paulo Queiroz (ed.)

Edição: Centro de Investigação e Estudos em Belas-Artes
(CIEBA), Faculdade de Belas-Artes, Universidade
de Lisboa e Sociedade Nacional de Belas Artes (SNBA)
Presidente do CIEBA: João Paulo Queiroz
Presidente da Direção SNBA: João Paulo Queiroz
Apoio Administrativo CIEBA: Cláudia Pauzeiro
Apoio Gestão SNBA: Rui Penedo
Apoio Administrativo SNBA: Helena Reynaud,
Fátima Carvalho
Divulgação FBAUL: Isabel Nunes
Design: Tomás Gouveia
ISBN: 978-989-99822-4-6

Propriedade e serviços administrativos:

Faculdade de Belas-Artes da Universidade
de Lisboa / Centro de Investigação e de Estudos
em Belas-Artes — Largo da Academia Nacional
de Belas-Artes, 1249-058 Lisboa, Portugal
T +351 213 252 108 / F +351 213 470 689



Lisboa, maio 2020

Organização científica
Scientific organization



cieba

belas-artes
ulisboa

Apoio
Support

FCT Fundação
para a Ciência
e a Tecnologia

Acolhimento do evento
Event hosting



Transportador oficial
Official carrier

TAP
AIR PORTUGAL

Múltiplos de suavidade e ironia: um recorte na obra de Alicia Candiani

Multiples of smoothness and irony: a cut in Alicia Candiani's work

HELENA ARAÚJO RODRIGUES KANAAN*

Artigo submetido a 4 de janeiro de 2020 e aprovado a 21 de janeiro de 2020

*Brasil, artista visual, gravura contemporânea, professora.

AFILIAÇÃO: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Artes. Departamento Artes Visuais. R. Sr. dos Passos, 248 - Centro Histórico, Porto Alegre - RS, 90020-180, Brasil. E-mail: harkanaan@gmail.com

Resumo: Apresenta-se um recorte na produção artística de Alicia Candiani, comentando também atividades que desempenha como curadora e produtora cultural. Acercando-nos de seu repertório em gravura contemporânea, com vistas à Arte Impressa Expandida, abordaremos dois modos de leitura; um que parte das técnicas utilizadas e o outro, que aponta para o feminino como assunto replicado em sua trajetória.

Palavras chave: Arte Impressa Expandida / Feminino / Resistência / Residência Artística.

Abstract: *It presents a cut in the artistic production of Alicia Candiani, also commenting activities that she performs as curator and cultural producer. Approaching his repertoire in contemporary printmaking, with a view to Expanded Printed Art, we will approach two modes of reading; one that starts from the techniques used and the other, which points to the feminine as a subject replicated in its trajectory.*

Keywords: *Expanded Printed Art / Feminine / Resistance / Artistic Residence.*

Introdução

À luz da obra de Alicia, propõe-se ressaltar características expansivas pertinentes ao modo gravura. Operando além das convenções históricas de uso e apresentação da imagem impressa, a artista atualiza-a ao contexto contemporâneo. Uma poética compartilhada, com reflexões políticas e sócio-culturais, ampliando conceitos da técnica e advertindo para a complexidade das relações humanas.

Qual o lugar da Arte Impressa nos dias atuais? A materialidade do papel, da tinta, ainda importa? Escolas de Arte Impressa atraem artistas? Construir a história crítica, refletindo o passado e oferecendo novos meios que reciclam as concepções básicas de matriz, transferência e multiplicação está no cerne das inquietações da artista.

Observa-se em sua temática, subjetividades femininas, desarmando 'verdades intocáveis', promovendo zonas que despertam para a construção do sujeito (Foucault, 1994). Suas imagens contestam sem ser agressiva, e se apresentam em proposições compostas por intersecções técnicas entre o tradicional e o inovante.

1. Uma artista, curadora e produtora cultural

Alicia trabalha com procedimentos matriciais, criando estampas híbridas em seu ateliê, onde também é um espaço para investigadores. Em 2005 fundou o Proyecto ACE, do qual é diretora. Em um antigo casarão, restaurado e adaptado com projeto pessoal, em um bairro tranquilo da capital Argentina, propõe três modos de desenvolvimento de trabalho: produção-exposição, discurso crítico e, trabalho pedagógico colaborativo. Um programa internacional de Residência Artística em Buenos Aires, onde tive a oportunidade de ampliar minha pesquisa e realizar mostra individual na sala Políglota, aos cuidados de sua curadoria. Tal programa tem muitos formatos, promovendo intercâmbios entre visitantes e moradores da cidade, abrangendo arte pública e debates dentro do estúdio. Uma troca profícua para ambas as partes, na qual, a própria artista sempre se alimenta, participando ativamente das ações.

Alicia Candiani teve formação em Belas Artes na Universidade Nacional de Córdoba, Argentina, tornou-se mestre na mesma área e cursou Arquitetura e Urbanismo. Outros estudos de pós-graduação foram realizados na Universidade de Buenos Aires, em Arte e Crítica de Arte Latino-Americanas (entre 1989 e 1993). Sua prática artística se alastra desde as Américas, Europa, até o mundo oriental, onde expõe, profere palestras, atua como curadora é membro de juris internacionais e ministra aulas a convite das instituições.

Em alguns desses eventos suas gravuras já se transformaram em intervenções arquitetônicas em grandes formatos e, muitas de suas proposições estão

na área da arte colaborativa: desde 2005, Candiani lidera o projeto internacional *Autorretratos* (<https://episodesanditineraries.com/self-portrait-project-proyecto-autorretratos/>), no qual artistas desvelam suas inquietações pessoais, numa experiência de auto conhecimento.

Um trabalho que amplia, aprofunda e divulga a Arte Impressa, passando pela Arte Gráfica, abarcando já há alguns anos, inserções na Arte Digital e no Vídeo, sempre com olhar no ser humano e suas relações.

2. Matrizes de um corpo social

Em sua poética Alicia fotografa mulheres, na maioria jovens, por vezes apenas os pés, as mãos, lábios. Delicados e sutis, emaranham-se em texturas impressas sobre índices reservados ao gênero, num corpus de trabalho que não impõe, mas demonstra na imponência do gesto, da pose, ou mesmo de uma conquista, destacada pela composição visual: mapas, folhas de corte e costura, manchas de batom, palavras ilegíveis. Elabora situações corporais sem apelo (Figura 1), apurando momentos que evocam tensões culturais e de intervenções críticas com um corpo político que enuncia a cultura da América Latina.

Vivemos ao extremo sul das Américas onde suportamos uma vastidão de acontecimentos: são “várias Américas Latinas, não apenas determinadas pelos contrastes geográficos, mas também pelos contrastes políticos, culturais e econômicos” (Bruit, 2000:10). Corpos multiplicados em historicidades convergentes e dissonantes, colonialismo, invisibilidades, censura, violência e apagamentos da história. Tais exuberâncias são pensadas pela produção de mulheres artistas que observam as diferenças, propondo imagens críticas aos discursos regimentais, rompendo com generalizações, reivindicando direitos.

Las obras de arte demandan ser leídas como prácticas culturales que negocian los significados conformados por la historia y el inconsciente. Piden que se les permita cambiar la cultura en las que intervienen a través de ser consideradas creativas: poética y transformativas (Pollock, 2010:54).

Nesse contexto, Alicia propõe construir por camadas, sobrepondo imagens em suas escolhas pessoais, numa poética de transformação, como na produção de gravuras em que se apropriou da textura do papel de moldes de costura, fazendo-os de fundo ou de ornamento do próprio corpo. Nessa série a artista cria visualidades entre um material doméstico, quase ingênuo e quase já não utilizado, e o corpo feminino, instaurando sentidos que podem se associar aos dismantelamentos e aos desaparecimentos na política Latino Americana. Um corpo suporte, um corpo que se suporta. Notemos que nessas tramas (Figura 2)



Figura 1 · Alicia Candiani. Mão e pé atados.
Fotolitografia, 57x74cm, 1999. Foto: acervo da artista

o corpo é quase uma provocação pela aiosidade feminina que transparece nos tecidos e delicadezas mas, a tarja preta e o título interrompem e nos apontam leituras sobre fragmentação e enlutamento da/na história.

Especificidades cores e texturas próprias às obras, desconstroem e criticam o papel social da mulher, ignorado e silenciado, acionando novos olhares para os conflitos de gênero.

Em outra série (Figura 3), Alicia passa a usar mapas, em linhas delicadas mas abrangentes. Imprime coordenadas não só da Argentina, circunscrevendo situações geográficas de todo o mapa mundi. Uma luta pela conquista territorial, nação e corpo, espaço e lugar num denso sentido poético.

Para pensar tais imagens recorre-se ainda a Foucault (2001), quando entende a conformação política moderna enquanto controle dos corpos sem individualidades permeados pelos confrontos com enunciados androcêntricos. Alicia alerta para a ausência de leituras críticas sociais no espaço íntimo do lar, do valor das memórias de cada mãe, esposa, filha, cartografando caminhos da perda e da forçada alienação política.

3. Processos e procedimentos matriciais

O amplo treinamento técnico sempre foi exigência determinante na produção artística de Alicia. Nos EUA, China e outros países, residiu em ambientes com longa tradição em trabalhos gráficos, além de sempre atualizar-se com as inovações tecnológicas.

Ao ser convidada ou atraída para participar de Bienais, Trienais ou mostras de gravura, os estúdios do Proyecto ACE fecham suas portas e, as inúmeras bancadas, computadores, máquinas fotográficas, mesas solarizadoras, prensas, rolos, tintas e papéis ficam exclusivamente para a produção da artista em sua dedicação máxima. No silêncio da dúvida brotam as ideias e, suas assistentes preparam o ambiente em seus mínimos detalhes.

A mão conhecedora da umidade do papel, do ajuste da prensa, da quantidade de cola no chine collè se movimenta em rebuscados e certos gestos que realizam a construção da imagem em sobreposições de ironia e requinte.

Sua opção pela gravura vem de longa data, a qual, provavelmente lhe instiga por ser um modo inserido na tendência de interlocução entre linguagens desde a origem e como esse campo híbrido é retomado na contemporaneidade.

Na interface entre esferas da criação visual, paralela a gravura, Candiani persegue a fotografia, ou melhor o ato fotográfico (Dubois, 2011). Alicia escolhe sua modelo, sua pose, humanizando a potencialidade maquínica. É sentir a técnica a favor do deslocamento, do sujeito em processo. Do outro lugar que



Figura 2 · Alicia Candiani. Não te preenchas de calma. Glicee, 100 x 80cm, 1998. Foto: acervo da artista

Figura 3 · Alicia Candiani. La conquista. Impressão digital, Fotolitografia. 2004/2005. Foto: acervo da artista



Figura 4 - Alicia Candiani, s/título, fotolitografia e serigrafia, 2009. Foto: acervo da artista

Figura 5 - Alicia Candiani, Target I, Aguaforte, aguafinta, litografia e chine collé (papel tibetano sobre rives BFK), 2014. Foto: acervo da artista.

podemos ocupar, sem deixar de usar os pressupostos da imagem impressa por transferência e, originadas em uma matriz, seja de madeira (xilografia), de metal (calcografia) de pedra (litografia), ou numérica (digital). É uma questão de produção que nos aponta ao “... conceito de fotograficidade que não designa nem a foto obtida, nem suas condições de possibilidade, nem suas condições de recepção, mas suas condições de produção.” (Soulages, 2007)

A fotografia digital e o processamento com softwares se entrecruzam com a xilografia, para apresentar a obra sem título (Figura 4). Esta nos traz sensualidade, corporeidade, um grito para o mundo em uma boca que cala.

Na obra que segue (Figura 5), o chine collé agregado com maestria sobre folhas de algodão, cria uma pele muito tênue que recebe a imagem executada por diferentes matrizes, alterando por vezes a ordem da impressão, criando a diferença. Repetir para diferir. A gravura nasce associada à ideia de multiplicação da imagem e com ela podemos produzir a diferença (Deleuze, 1998). Um corpo mapa, corpo território, linhas de corte e de costuras ou, delicadezas de uma alma.

Considerações finais

Tudo é concebido com muita atenção e respeito aos corpos que ali se expõe. Linhas se cruzam, inferindo o papel feminino nas sociedades mais além de questões regionais ou partidárias. Contexturas que hibridizam e desvelam imagens existenciais. Condições sócio históricas, memórias coletivas e individuais construídas na subjetividade.

São imagens ligadas à manualidade, na produção da artista e nas estampas criadas. Um diálogo entre o outrora e o agora, perdas e atualizações a partir de uma valorização da experiência que revisa criticamente o imaginário, entreabrindo feridas sociais, imprimindo índices da violência que ainda hoje permeiam nossa condição de mulher. O corpo-memória, marcado, balizado, seletivo. O corpo estampado dá sentido à memória, ao sofrimento coletivo, alertando às contradições e tensões a fim de ressignificá-las.

Estas reflexões conectam-se a inúmeros desdobramentos políticos e eticamente relevantes em nosso tempo e, indicam novos campos de investigação relativos à história das mulheres artistas em países como Brasil e Argentina, aonde com certeza permanece e se difunde a Arte Impressa Expandida.

Referências

- Bruit, Héctor. 2000. *A Invenção da América Latina*. Anais Eletrônicos do V Encontro da ANPHLAC, Belo Horizonte,.
- Deleuze, Gilles. (1998) *Diferença e Repetição*. Rio de Janeiro: Graal,.
- Dubois, Philippe. (2011) *O ato fotográfico*. Campinas: Papyrus,.
- Foucault, Michel. (2001) *História da Sexualidade I : A Vontade de Saber*. 14^ª ed., Rio de Janeiro : Edições Graal,.
- Pollock, Griselda. (2010) *Encuentros en el museo feminista virtual : tiempo, espacio y el archivo*. Madrid: Ediciones Cátedra.
- Projecto ACE visualizar em <http://www.proyectoace.org/en/home>
- Soulages, François. (2007) *A revolução paradigmática da fotografia numérica*. ARS (São Paulo), vol.5 no.9 São Paulo.